



## **AUDIODESCRIÇÃO, UMA PROPOSTA DE TEMA PARA SEMANAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA NO INTERIOR DO CEARÁ**

Francisco Helis Alves Bezerra <sup>1</sup>

Rogério José Melo Nascimento <sup>2</sup>

Jeferson Yves Nunes Holanda Alexandre <sup>3</sup>

Francisco Lucas Menezes de Souza <sup>4</sup>

Walysson Gomes Pereira <sup>5</sup>

### **RESUMO**

Encontros pedagógicos são realizados para delimitar assuntos inerentes ao processo de ensino aprendizagem nas instituições de ensino. Durante, aproximadamente, uma semana, todo o núcleo escolar, entre professores, coordenadores e diretores, reúnem-se em formações complementares e apresentam metas a serem cumpridas ao decorrer do período letivo. Entre um dos mais importantes temas, a inclusão escolar, deu finalmente margem a que todos os alunos com alguma deficiência sensorio-motora tenham direito de frequentar uma sala de aula regular. No entanto, para que esse direito seja efetivado, os profissionais da educação têm de estar preparados e atualizados com as metodologias e propostas que ajudem nesse fim. Visto isso, o presente trabalho tem o intuito de avaliar a visão dos professores da Escola Maria Áurea Leal Rodrigues Guerra em relação ao uso de audiodescrição como um tema de metodologia educacional a ser trabalhado em uma possível semana pedagógica, dessa forma o trabalho configura-se como um estudo de campo, no qual usou-se questionários para obter as respostas acerca da proposta. Ao final da pesquisa pôde-se concluir que apesar de haver interesse no tema, os profissionais da instituição não têm capacitação específica para tal e que a inserção de tais assuntos seria ponto chave na semana pedagógica.

**Palavras-chave:** Audiodescrição, Semana pedagógica, Inclusão, Ensino Público, Formação de professores.

### **INTRODUÇÃO**

A semana pedagógica é um momento de trocas de experiências e formações complementares de profissionais da educação. Durante esse encontro, são traçadas metas e objetivos, estes, baseados nos desafios de cada época, como ressalta Alves (p. 17, 2005) que

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Ceará - IFCE, helisalves16@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Ceará - IFCE, rogeriojose099@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Ceará - IFCE, jeferso.yves@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Ceará - IFCE, lucasmenezes578@gmail.com;;

<sup>5</sup> Professor orientador: Mestre em Química pela Universidade Federal do Ceará, Instituto Federal do Ceará - IFCE walysson.pereira@ifce.edu.br;



diz “[...] as formas concretas de organização do trabalho didático são históricas”, ou seja irão ser refletidas pelo momento em que o país ou instituição vive.

Visto isso, a intervenção pedagógica que ocorre no início do ano letivo, “constrói um projeto de emancipação social e se dialoga criticamente com a realidade” (DEMO, 2006, p. 10). Esta realidade descrita por Demo, também é fruto da época em que situa-se a instituição, ou melhor, aonde ela quer estar, afinal a Semana Pedagógica dialoga diretamente com os objetivos futuros.

Por isso, quem ensina deve estar inserido em uma “atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem” (DEMO, 2006, p. 16), e para isso, este professor, deve pesquisar, e o principal apresenta essa pesquisa, para melhoria do quadro educacional (DEMO, 2006).

E por ser um exercício, principalmente de civilidade, aonde a educação é peça central para construção de toda e qualquer civilização, o momento exige salientar a constituição federal do País, na qual diz que é dever do estado “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos” (BRASIL, 1988). Logo é fundamental afirmar que escola é peça chave para que de fato a constituição seja posta em prática.

No entanto, esse direito a igualdade vem ganhado de fato espaço a pouco tempo, como por exemplo, o direito de crianças com alguma deficiência sensorio-motora frequentarem escolas regulares, que só foi possível a partir de 1996 com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Nº 9394/96. E foi em seu artigo 59º, capítulo V, que essa vitória foi conquistada:

“Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades além de professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (BRASIL, 1996).

No entanto, como visto, não basta apenas incluir nas salas de aula, mas na verdade garantir essa inclusão plena, a qual só poderá ser feito por meio de métodos, estratégias e planos, esses que devem ser discutidos em encontros e intervenções pedagógicas.



## MARCO TEÓRICO: ÁUDIO DESCRIÇÃO COMO MÉTODO DE INCLUSÃO

A audiodescrição (AD) se baseia em transformar imagens em palavras como forma de incluir pessoas cegas nos mais diversos espaços. Segundo Casado (2007) e Jiménez Hurtado (2007) a (AD) pode ser dividida como descritora de ações visuais verbais, como título de livros e poemas; e ações visuais não verbais, como expressões faciais e características físicas. Sendo assim, o recurso pode ser utilizado para transformar textos em áudios ou se trabalhar com outras mídias, o que segundo Motta serve para ampliar:

[...]o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010 p.08)

Logo percebe-se que a audiodescrição é um recurso do dia-a-dia para uma pessoa cega e não pode ser colocado de lado na escola, visto que a educação deve servir como um reflexo da sociedade. Contudo, para que isso seja feito, conforme sugere Lima (2011, p. 14), precisa-se que o olhar do áudio-descritor seja:

[...] atento, inquisitivo, ansioso por encontrar os detalhes que se fazem necessários para a compreensão do evento imagético; para alcançar a tradução vívida, específica, correta, clara e concisa das imagens e para prover as condições de acessibilidade comunicacional, de oportunidade cultural e de igualdade educacional aos usuários da áudio-descrição. Lima (2011, p. 14)

Visto tais informações compreende-se que antes do início de fato da produção de uma audiodescrição o professor irá precisar de uma formação complementar, esta apta a adequar-se as necessidades supracitadas. Nesse contexto, a presente investigação surge como forma de avaliar a importância da semana pedagógica para realização dessa preparação.

De modo específico, o estudo objetiva avaliar principalmente como o núcleo escolar da E.E.I.F Maria Áurea Leal Rodrigues Guerra da cidade de Jucás-CE, avalia trabalhar a audiodescrição como um tema de formação complementar dos professores para trabalhar em um encontro pedagógico. Além disso, a pesquisa irá averiguar as experiências dos profissionais de educação com essa *práxis* e como encontra-se sua formação a respeito de métodos inclusivos.



## METODOLOGIA

A pesquisa configura-se como qualitativa uma vez que desempenha um papel social na interpretação de fenômenos do dia-a-dia, e por isso, conforme indicam Vieira e Zouain (2005), este tipo de estudo busca atribuir importância aos depoimentos dos elementos sociais que estão inseridos no meio, analisando suas falas e o que querem dizer com ela. Por sua vez, a tipologia do trabalho é um estudo de campo, que segundo Gil (2008) reflete por meio de estudos o que grupos unitários pensam a respeito de diversos temas, usando como ferramentas diferentes técnicas de recolher os dados.

Em caráter inicial, a pesquisa baseou-se em um estudo documental e bibliográfico que, conforme Pádua (2003), configura-se como uma investigação para explicações de problemas por meio de referências teóricas de pesquisadores da área.

A amostragem da pesquisa, foi descrita por Gil (2008), sendo ela por “acessibilidade”, e foi feito com professores da escola em investigação, localizada na Rua José Bento, 200, Alto da Bomba, na cidade de Jucás-Ce. A escola atende a turmas do ensino infantil até fundamental II, em dois turnos, e dispõe de 39 funcionários habilitados a responderem à pesquisa, sendo estes membros do núcleo gestor ou corpo docente.

As respostas foram colhidas por meio de questionário (Tabela 1) que segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2009, p.260), pode ser definido como “[...] uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade, tanto do empreendimento quanto do mercado que o cerca, e que serão basilares na construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)”. Ao final do trabalho de campo, a análise foi feita por meio de três etapas: redução, exibição e conclusão/verificação Miles e Huberman (1994).

Tabela 1 – questionario aplicado na pesquisa

**1 - Você considera importante a realização de atividades voltadas a inclusão de alunos?**  
( ) sim ( ) não

**2 - Já trabalhou com inclusão de alunos deficientes?**  
( ) sim ( ) não

**3 - Com que tipo de deficiência teve contato?**

**4 - Você já ouviu falar de audiodescrição?**  
( ) sim ( ) não



**5 - Você já trabalhou com audiodescrição alguma vez?**

sim  não

**6 - Você acha interessante trabalhar em uma semana pedagógica o tema "audiodescrição" como forma de incluir pessoas cegas?**

sim  não

**7 - Você considera relevante a realização de dinâmicas, palestras, seminários, mesas redondas e afins na semana pedagógica, com conteúdos voltados a inclusão de pessoas cegas?**

sim  não

**8 - Em sua graduação houve disciplinas voltadas a inclusão de alunos?**

sim  não

**9 - Você já possui alguma formação complementar na área da inclusão, seja de pessoas cegas ou outras deficiências?**

sim  não

**10 - Você já participou de alguma formação sobre audiodescrição?**

sim  não

**11 - Como você avaliaria a contribuição de uma semana pedagógica com temática voltada a inclusão de pessoas cegas?**

muito relevante  relevante  pouco relevante

**12- Deixe um comentário de atividade que considera interessante para ser feita com essa temática**

Fonte: O autor.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na realidade escolar a educação ainda não cumpre seu verdadeiro papel, levando em consideração ser algo transformador, visto que a carência de profissionais habilitados a educar ainda é gritante e para isso, segundo Roque Strieder (2014, p.66), exige, antes de tudo, fazer e conseguir a aceitação e a legitimação do outro numa perspectiva social e solidária pensando na construção coletiva.



Com essa perspectiva fez-se questionamentos relacionados a temas ligados a inclusão de alunos cegos, possibilidade de ter audiodescrição como tema para semana pedagógica, formação e atuação profissional e ainda se abriu espaço para ressalvas.

Se o indivíduo considera importante a realização de atividades voltadas a inclusão de alunos foi o primeiro questionamento apresentado. Todos participantes apontaram que é importante tais atividades. Assim, torna-se evidente que professores e núcleo gestor da referida escola sabem que todos os alunos têm direito a atividades que lhes proporcionem ao mesmo tempo um sentimento de ser integrante do grupo e ainda a certeza de aprendizagem, independentemente de ser portador de deficiência ou não. É visto ainda que os docentes têm visão ampla acerca da importância de incluir alunos deficientes, visto que isso impactará não somente no desenvolvimento do aluno, mas também da comunidade escolar.

O segundo questionamento indagou se o profissional já trabalhou com inclusão de alunos. 81% dos entrevistados revelaram que já trabalharam com inclusão. Assim, é percebido que a escola recebe estudantes com necessidades específicas e que estes têm atendimentos com os diversos profissionais atuantes naquele espaço. Por outro lado, esse recebimento não significa que os alunos com necessidades específicas que ali estudam têm atendimento especializado, mas sim que os docentes cumprem seu trabalho com todos os discentes, de acordo com seus conhecimentos sobre inclusão e educação especial. No que se refere ao contato dos profissionais com as necessidades dos alunos (terceira pergunta), a pesquisa apontou que 51% dos profissionais trabalhou com inclusão de alunos com necessidade especial mental, 30% motora, 11% auditiva e apenas 9% já desempenhou em algum momento de sua carreira profissional atividades com alunos cegos. Tais dados podem indicar que: alunos com deficiência visual não estão frequentando tal escola; alunos que frequentaram não puderam prosseguir seus estudos devido à dificuldade de acompanhamento ou ainda que os bairros próximos a escola não abrigam cidadãos portadores de deficiência visual.

No quarto questionamento perguntou-se sobre o conhecimento da existência da autodescrição. 11% dos entrevistados disseram não saber do que se trata, sugerindo que os meios de inclusão ainda são pouco disseminados e só se busca conhecimento por tal quando há uma necessidade urgente, nesse caso, o assunto só tende a ser trabalhado na eventual matrícula de algum aluno cego. Evidentemente que, se para profissionais da escola a audiodescrição é ainda desconhecido, para as comunidades próximas é provavelmente inexistente.

No questionamento seguinte indagou se o profissional já havia trabalhado com audiodescrição. 90% da amostragem revelou que não trabalhou com atividades relacionadas ao



tema. Este fato vem corroborar a ausência de público para essa atividade ou ainda um preparo inadequado dos profissionais da escola. A falta de conhecimento sobre inclusão associado a inexistência de contanto prático é vetor direto que dificulta a escola de poder ofertar uma educação acessível a futuros alunos cegos.

Foi unanime a opção ‘sim’ quando perguntou-se sobre a atratividade em trabalhar o tema “audiodescrição” na semana pedagógica como forma de incluir pessoas cegas. Evidentemente, os professores e gestores têm interesse em realizar trabalhos e estudos voltados ao tema, logo, o que falta para dar-se início as atividades é um publico discente que usufrua diretamente do trabalhado desenvolvido. No entanto, levando em consideração o alto interesse dos profissionais, o tema poderia ser trabalhado durante as semanas pedagógicas em caráter inicial, visto que a escola deve estar pronta para receber os alunos com diferentes necessidades antes mesmos que eles sejam matriculados, assim evita-se despreparo generalizado e possibilita ao aluno um ambiente onde, desde o primeiro dia de aula, se sinta incluído.

Sobre a importância da realização de dinâmicas, palestras, seminários, mesas redondas e afins na semana pedagógica, 100% dos publico em que se dirigiu o questionário respondeu que considera importante realizar tais atividades. Esta alta afirmativa revela que os profissionais da instituição têm ciência da necessidade e importância de se debater, planejar e executar atividades voltadas as mais diferentes deficiências, inclusive a visual que ainda são pouco trabalhadas, trazendo assim, aos que não tiveram contato profissional possam ter suas primeiras experiências.

Com o objetivo de conhecer o preparo dos profissionais, foi questionado sobre a existência de disciplinas voltadas a inclusão de alunos durante sua graduação e se, após a conclusão do curso, buscou uma formação/curso complementar voltado a área. Para a primeira indagação, 56% dos perguntados disseram que sim, cursaram disciplinas relacionadas a inclusão de alunos. Contudo, o mesmo percentual de indivíduos revelou não ter participado de cursos ou formação complementar para agregar conhecimento relacionado a inclusão. Evidentemente, por mais que os indivíduos considerem importante a inclusão de alunos, os mesmos não buscam alternativas de contribuir de forma mais efetiva por meio de aplicações de técnicas que poderiam ser adquiridas em cursos e ou formações complementares. Mesmo levando em consideração que os profissionais cursaram disciplinas voltadas a inclusão, é importante ressaltar que em instituições de ensino superior é comum, em cursos de licenciatura, a oferta de disciplinas voltadas somente a linguagem de sinais e, mesmo esta, não tem carga horária



suficiente para garantir que os profissionais tenham uma boa comunicação com alunos que façam uso da LIBRAS.

Perguntados especificamente sobre a participação em algum curso de formação sobre audiodescrição todos os entrevistados revelaram não ter realizado tal formação. Assim, pode-se perceber que, salvo um rápido movimento para treinamento de docentes e corpo técnico, os estudantes cegos que venham a frequentar tal escola dificilmente terão acesso factual a seu direito de acesso a educação, uma vez que não haverá professores (ou pelo menos monitores) que estejam capacitados para fazer significativa a aprendizagem desses alunos. Fortalece assim a proposta deste assunto em uma semana pedagógica, sendo indicada a apresentação de um membro externo a escola para tal, visto que nenhum profissional da escola revelou ter formação para conduzir o tema.

Sobre a relevância na inclusão de temas relacionados a audiodescrição na semana pedagógica, 90% da comunidade respondeu que considera muito relevante. Enquanto 10% consideraram somente relevante. Mesmo com um pequena divergência de posicionamentos, é evidente que a comunidade escolar tem interesse acerca de inserção de novas metodologias e abordagens para a escola no que se refere a debates na semana pedagógica. Cabe então ao setor pedagógico junto a ao corpo docente colocar em pauta o assunto, afim de discuti-lo na referida semana.

Por fim, pediu-se que os profissionais opinassem sobre como poderia ser abordado a audiodescrição no ambiente escolar.

Algumas das respostas foram as seguintes:

*Profissional 1: “Sessões de filmes com audiodescrição e oficinas/minicursos voltados para a temática de cinema e audiodescrição.”*

*Profissional 2: “Aulas práticas voltadas para a temática.”*

*Profissional 3: “Considero super válido isso, na escola onde trabalho eles tentam fazer essa inclusão, mas percebo que não tem orientações pra isso. Então é de uma fundamental importância.”*

Tendo em vista o posicionamento do corpo escolar, é evidente que tal grupo tem ótimas ideias de como se trabalhar o tema, porém lhes falta qualificação ou direcionamento profissional e até mesmo recursos.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para cegos ainda é um desafio, principalmente para os educandos. Isso é perceptível com os dados aqui coletados, uma vez evidenciada a ausência de profissionais adequados para as necessidades específicas. Apesar de do interesse demonstrado pelos profissionais da escola em abordar audioescrita como tema na semana pedagógica, falta ainda o interesse prático do corpo escolar em buscar o aperfeiçoamento profissional que vá além do debate e da obrigatoriedade em sua sala de aula.

Bons norteios de como se trabalhar com público que necessitaria da audiodescrição em consonância com a colaboração de profissionais qualificados seria um diferencial, uma vez que tal profissional poderia incentivar os demais e ajudá-los no seu trabalho. Dificuldades e possibilidades referentes a audiodescrição podem e devem ser debatidos em encontros pedagógicos, considerando que este é o melhor momento para expor novas metodologias de ensino aprendizagem e ainda inclusão de alunos.

## AGRADECIMENTOS

Aos gestores e professores da Escola Áurea Leal Rodrigues Guerra que se dispuseram a responder o questionário.

## REFERÊNCIAS

- DEMO, P. Pesquisa: **Princípio Científico e Educativo**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006
- ALVES, Gilberto Luiz. O trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea)
- BRASIL. **Constituição federal**, disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>, acesso em: 23 maio 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Capítulo V – Da Educação Especial. Lei nº 9.394 de 20/12/96
- CASADO, A. B. La Audiodescripción: Apuntes sobre el estado de la cuestión y las perspectivas de investigación. TradTerm, n. 13, p. 151-169, 2007.
- CHAER, Galdino; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A TÉCNICA DO QUESTIONÁRIO NA PESQUISA EDUCACIONAL. Evidência (Araxá), v. 7, p. 251-266, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- HURTADO, C. J. Una gramática local del guión audiodescrito: Desde la semántica a la pragmática de un nuevo tipo de traducción. Traducción y accesibilidad-subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual. Frankfurt: Peter Lang, 2007.



LIMA, F. J. Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV), v. 7, ano 2011.

MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P.R. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

Pádua EMM. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. 9ª edição. Campinas: Papyrus; 2003

UNOESC, Roque Strieder. Dignidade da Criança: Um Desafio para a Educação Inclusiva. 2014.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005